

The background image shows the interior of a rustic building. The ceiling is made of a thatched roof with visible wooden beams. Two large, dark, dome-shaped pendant lights hang from the ceiling. The walls are made of red brick, with some areas showing signs of wear and discoloration. There are several circular decorative elements on the wall, including a small globe and some framed pictures. The floor is made of concrete or stone, and there are wooden beams running across it. The overall atmosphere is warm and historical.

INTERSTÍCIOS

Singularizações na Antiga D'Andréa

Nathalia Cazeri da Silva - 2018



PRESIDENTE PRUDENTE - SP - 2018

INTERSTÍCIOS

SINGULARIZAÇÕES NA ANTIGA D'ANDREA

Nathalia Cazeri da Silva
Orientação: Prof. Dr. Hélio Hirao

TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO
ARQUITETURA E URBANISMO
FCT UNESP





Agradeço aos meus pais pelo apoio incondicional e incentivo para seguir o meu caminho, me descobrir como profissional , e principalmente como pessoa.

Aos meus amigos, os que continuaram comigo de outras jornadas , e os que tive a felicidade de conhecer nesses últimos anos.

À turma XII pelos anos, risadas, e memórias.

Aos meus professores, por dedicarem suas vidas ao ensino.

Ao professor Hélio, pelas oportunidades e pelo incentivo à abraçar o diferente.

À comunidade da FCT-Unesp por proporcionar oportunidades, conhecimento, questionamentos e mudanças.







Para mim, também as casas são velhas amigas.
Quando passeio, cada uma delas parece correr ao meu encontro na rua: olha-me com todas as suas janelas, dizendo-me algo como isto: “Bom dia! Como estás? Eu vou bem, graças a Deus, muito obrigada! Em Maio vão-me aumentar um andar.” Ou: “Como vais? Amanhã vou entrar em obras.” Ou: “Estive quase a pegar fogo e tive bastante medo.” E outras coisas semelhantes.
Tenho algumas preferidas, íntimas. Uma delas tem intenções de fazer uma cura, neste Verão, nas mãos de um arquiteto. Irei vê-la todos os dias, não vá ele matá-la; nunca se sabe. Deus a guarde!
– Dostoievski F. (Noites Brancas)







SUMÁRIO

A Cidade Desconhecida	11
Entendendo as Relações da Cidade	15
Maneira de Entender o Rizoma	16
Transversalidade	17
Produção de Subjetividade e Singularização	18
Território e Desterritorialização	20
Táticas e Estratégias	21
Lado B da Cidade	22
Terrain Vague	24
Limeira e a Indústria	27
D'Andrea	37
Edificação Atualmente	40
Reconhecimento	47
Ambiências	49
Patrimônio	58
Desvios	60
Sobre o Patrimônio	65
Patrimônio Industrial	70
Intervenção na D'Andrea	77
Intervenção	80
Referências	92







A Cidade Desconhecida

As cidades, como espaços sociais por excelência, são o palco das interações de partes heterogêneas e relações difíceis de serem compreendidas em sua totalidade. Seus locais públicos, de encontro ou apenas passagem, compreendem o plano de fundo de incontáveis manifestações, e de grandes partes das memórias e vínculos que cada um carrega. (GEHL, 2013).

Procurar entender os espaços, que constituem a cidade como ela é expressa uma tentativa de tentar enxergar os lugares como projetos frutos da heterogeneidade característica das cidades, e das individualidades nas ações das pluralidades sociais.

Um dos entendimentos fenomenológicos de Merleau-Ponty (1999), é que as percepções não são apenas reflexões do cotidiano, elas abrangem concepções, experiências passadas que influem em como o mundo é percebido, e que só se mostram quando há interação com o espaço. Zumthor (2006) também aborda como a disposição inicial induz como um local é percebido.

“... o que é que me tocou? Tudo. Tudo, as coisas, as pessoas, o ar, o ruído, sons, cores, presenças materiais, texturas e também formas ... E o que é que me tocou para além disso? A minha disposição, os meus sentimentos, a minha expectativa na altura em que ali estive sentado.” - ZUMTHOR, p. 17, 2006.

Essa correlação entre a percepção e a memória demonstra como cada lugar é heterogêneo, se modificando sem nunca deixar de ser estático, se tornando habitado por espíritos múltiplos (CERTEAU, 1998), podendo nunca ter se relacionado, mas que naquele local se uniram para criar uma ambiência.

Anos atrás, na saída da escola, desviei meu caminho usual e ao invés de ir ao ponto de ônibus na frente da igreja ponto turístico, com cafés e centro de arte nos arredores, fui em direção





às indústrias abandonadas, aos prédios em ruínas, à “zona”. No caminho a realidade de uma cidade esquecida, que amedrontou, intimidou, mas também fascinou. Corpos parados no tempo, congelados nas décadas das pinturas descascadas das paredes, e nos andares lentos de quem não seguia o ritmo imposto à apenas quadras de lá. A atmosfera daquelas ruas me fez curiosa para conhecer quais eram as histórias de cada edificação, o porquê de cada um também estar se “aventurando” por lá. A experiência na época, apesar de ter despertado curiosidade, não foi repetida, e por um tempo foi esquecida. Anos depois, em frente ao mesmo ponto de ônibus da igreja ponto turístico, um senhor me contou passagens da sua história, e mencionou que em meio àquela “zona”, o chamado “centro abaixo” como ele se referiu, com suas casas de prostituição, pontos de venda de drogas, casas desocupadas, e restos de edificações degradadas, se encontrava uma fábrica na qual trabalhou, a primeira sede de uma indústria, da qual se orgulhou em dizer que hoje “vende pro mundo inteiro”, um testemunho da época que os arredores da estação ferroviária eram o coração da cidade, e hoje abrigava um estacionamento, escondendo na fachada descascada sua história. Assim, fui levada de volta para as mesmas ruas, para as mesmas ruínas, e para o mesmo tempo indeterminado, o qual se recusou a mudar para atender ao que estava tão presente à apenas quadras de lá. Como uma tentativa de entender de maneira diferente as relações existentes na cidade, nas edificações, e principalmente das pessoas com tudo que as cercam, eu voltei para as indústrias abandonadas.





“Eu me experimento na cidade... Eu moro na cidade,
e a cidade mora em mim” -
PALLASMAA,2011.







Entendendo as Relações da Cidade

O espaço social, centro dos estudos de inúmeras áreas do conhecimento, é visto por Lefevre (1991) como o produto das tensões criadas pelas diferentes relações existentes na cidade, que ao se articularem na produção do espaço consolidam, pelo constante embate, lógicas distintas que coexistem.

Mesmo que não trate da produção do espaço, o pensamento rizomático, de Deleuze e Guattari (1996), busca compreender a multiplicidade de agenciamentos, e entende que a criação e a transformação do espaço não seguem relações arbóreas apenas, admitindo que conexões aparentemente contraditórias possam existir, e ser relacionadas.

Assim, buscando o entendimento das relações múltiplas existentes na cidade, a maneira de compreender o rizoma foi escolhida para compreender os produtos obtidos pelos reconhecimentos, realizados a partir de metodologias de inserção na área, e no entorno da antiga Máquinas D'Andrea.





Maneira de Entender os Rizomas

Certeau (1998), ao se referir aos hábitos cotidianos de um povo, afirma que são as relações sociais que determinam a existência de um espaço, mas que ao mesmo tempo é por esse espaço que o corpo se guia. A afirmação parece se negar, porém o pensamento rizomático que rege esse entendimento não é dicotômico e não nega as diversas realidades que podem vir a ser, pelo contrário, ele se abre às possibilidades das produções secundárias, admitindo as diversas apropriações além do padrão.

As relações que criam e transformam os espaços não obedecem ao pensamento arbóreo apenas, não tomam forma apenas após outro acontecimento a desencadear; as conexões se confundem, pegam atalhos, se embaralham, assumem direções inesperadas. O rizoma, de Deleuze e Guatarri (1996), está nessa fuga da tentativa de conclusão, e de se encaixar em um sistema, ele se mostra na multiplicidade de opções e direções, no entre, se intensificando em alguns pontos, mas nunca se totalizando àquele ponto.

Assim, pensar os espaços é pensar também na pluralidade das produções e interpretações, é se voltar para o que é real, e pode ser modificado permanentemente de diversas maneiras diferentes. É assegurar o desvio de conduta, que pode se manifestar nos mais diferentes gestos, e garantir que o espaço se distorça, se contraia, ou se expanda, criando relações em rizoma, porém sem deixar de ser imóvel.

“A questão é 'produzir inconsciente' e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” - Deleuze & Guattari, 1996, p. 28.





Transversalidade

Relacionada ao pensamento rizomático, a transversalidade para Deleuze e Guattari (2004), é um instrumento auxiliar na superação do pensamento arbóreo. Ela ocorre quando há relações entre pontos de diversos níveis e sentidos, quando o movimento se dá entre as relações fugindo da verticalidade pura - sem hierarquias entre suas conexões - e da horizontalidade simples - que limita as correspondências apenas entre semelhantes.

Apesar de não negar o modelo em árvore, o questiona por se apoiar em premissas que se tornam ou “verdades absolutas”, ou princípios imutáveis, como os arquitetos modernistas e seus princípios racionalistas e funcionalistas. A transversalidade reconhece a pluralidade das relações, e principalmente do universo existente em cada um que transita pelo espaço; entendendo a cidade como o quebra-cabeças das paixões e ações se entrelaçando.

Por permitir registrar as multiplicidades, a transversalidade também se encontra nas resistências das táticas de Certeau (1998), resultados dos desvios e da possibilidade em escapar do controle imposto, gerando efeitos imprevisíveis.

“A transversalidade é uma dimensão que pretende superar os dois impasses, quais sejam o de uma verticalidade pura e de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando ocorre uma comunicação máxima entre os diferentes níveis e, sobretudo, nos diferentes sentidos.” – DELEUZE & GUATTARI, 2004, p.111





Produção de Subjetividade e Singularização

A partir das concepções de Deleuze e Guattari (2000), eles desenvolvem a subjetividade como aquilo que trata de “agenciamentos coletivos de enunciação” (GUATTARI 2000, p.162), ou fluxos de relações que se conectam e reconectam constantemente, dentro do rizoma e a partir da transversalidade, permitindo a multiplicidade no entre.

Por estar dentro do rizoma a produção da subjetividade não se prende a estruturas que tendem a repetição, ela se deixa livre para assumir a forma que o receptor escolhe, seja de maneira alienada, apenas se submetendo ao transmitido, ou de maneira expressiva, apropriando o recebido; à última forma Deleuze e Guattari (2000) dão o nome de singularização.

“A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização.” - DELEUZE E GUATTARI 2000, p.33

A ideia da singularização, como apropriação do que é recebido, também é trabalhada por Certeau (1998), a qual se refere como produção secundária ou as “maneiras de fazer”; no qual ambos tratam as diferentes maneiras, contrárias à do sistema, de ser e perceber o espaço. Esse movimento pode ser exemplificado com o sincretismo que ocorreu nas culturas e religiões dos povos africanos e indígenas, que





transformavam o que lhes eram impostos, apropriando-se do significado - a subjetividade -, porém sem rejeitá-la diretamente – singularização.

Certeau (1998) também afirma que as produções secundárias, ou singularizações, se encontram na maneira que as subjetividades são internalizadas e/ou utilizadas, e, portanto, como as “maneiras fazer” influenciam, e até constituem, as diferentes posturas que cada indivíduo pode utilizar para se apropriar dos espaços organizados pelos sistemas.

Os movimentos da cidade, dos seus bairros, ruas, edificações, e transeuntes foram entendidos como exemplos de um rizoma, e, portanto, de singularizações, uma vez que quanto mais se tenta criar uma “organização arbórea”, mais táticas (CERTEAU,1998) surgem como uma resposta à tentativa de calar o desvio, tentando manter a pluralidade como for possível, persistindo à tudo, e se proliferando até o ponto de se tornar cotidiano.



Território e Desterritorialização

No conceito de território, para Deleuze e Guattari (1996), seria onde ocorre a convergência de agenciamentos dentro do rizoma, é para onde as subjetividades se direcionam e onde se encontram. No território pressupõe-se que haverá o conteúdo – subjetividade – e a expressão desse conteúdo – que como mencionado pode ser através da relação de alienação, ou de maneira a singularizar o conteúdo. Essa concepção já afirma que o território é fechado em si, é o espaço que por já ter sido vivido faz com que seja percebido como “casa”.

A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”.

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI e ROLNIK, 1999)

Porém, o rizoma se faz a partir da criação de subjetividade, como afirmava Deleuze Guattari (2000), e por isso foi criado o conceito de desterritorialização, que se define como a ação que pretende desordenar o conhecido e ir em busca de novos agenciamentos, novas subjetividades, adotando um posicionamento de quem procura por diferentes lugares além dos previstos, a desterritorialização é portanto, “a operação que a linha de fuga realiza” (Deleuze e Guattari 1996, 644).





Táticas e Estratégias

As táticas de Certeau(1998) também tratam das diferentes maneiras de compreender e de se apropriar de agenciamentos da percepção. No seu entendimento, o sujeito não é só um receptor passivo, uma vez que manipula as informações que são transmitidas a ele.

As táticas se apresentam nesses desvios que não seguem as normas, não se definem por elas, e geram efeitos imprevisíveis, sem procurar produzir, mapear ou impor. Elas procuram apenas “maneiras de fazer”, formas de interpretar, se apresentando no cotidiano, sem pretensão em assumir alguma posição de poder, representando apenas pequenas vitórias dos mais fracos sobre os mais fortes.

Elas também não se dissociam do “outro”, não possuem um espaço de atuação autônoma e dependem do alheio, em consequência não são percebidas como um todo, sendo possível recuperar apenas seus fragmentos. Por não possuir lugar próprio, as táticas dependem das circunstâncias presentes no espaço que atuam, e assim se apresentam com grande mobilidade “(...)que precisa aceitar a chance oferecida pelo momento e tomar para si as possibilidades que se lhe oferecem em uma circunstância.”(CERTEAU,1998, p.37)

Certeau(1998) também afirma que as táticas não se tornam donas dos espaços, mesmo quando se mostram vitoriosas, mas se aliam à vulnerabilidade do tempo, que cria brechas e se apresenta como oportunidade de singularização buscando o escape do controle e os desvios que ocorrem nos interstícios.

“É necessário, vigilantemente, fazer uso das fendas, das conjunções particulares abertas na vigilância dos proprietários dos poderes. Ela [a tática] invade seus espaços. Ela cria surpresas. Ela pode estar onde é menos esperada. Ela é uma artimanha astuciosa. “ – CERTEAU, 1998, p.37





Lado B da Cidade

Careri (2013) também trata sobre a cidade que foge das associações diretas, a cidade dos espaços opacos, das táticas. As “novas Babilônias”, como ele se refere, são os espaços que sobrevivem e resistem nas brechas, nos desvios, são os responsáveis pelas tensões, os dissensos e conflitos urbanos, que constituem os espaços públicos. O medo em adentrar as zonas, em atravessar o desconhecido, é resultado do medo de esbarrar nos desvios e nas táticas, que podem causar encontros conflituosos e inesperados.

Assim, a permanência dessas brechas é o que aproxima as pessoas de cidades menos espetacularizadas, porém mais plurais e democráticas. Certeau (1998) afirma que quanto mais se propõe “organizar” a cidade, e evitar os desvios, mais os movimentos dentro dela se tornam contraditórios, surgindo as táticas (CERTEAU, 1998) como uma maneira de manter a pluralidade das opções.

O caminhar para Careri (2013) é a maneira de entrar nesse “jogo de detetive”, em busca dessas situações de resistência, indagando sobre a cidade que deveria estar em constante transformação, a cidade indeterminada, aquela mantida no escuro, e encontradas nas pulsações dos grafites e pichações. Esse lado B, seria onde se encontram as táticas (CERTEAU, 1998), os verdadeiros espaços democráticos, onde está a potência do urbano.

O jogo também pode ser interpretado como a maneira de encontrar os “Terrain Vagues” (Solà-Morales, 2002), que guardam em si a história capaz de criticar as cidades, mas também as possibilidades e a liberdade naquilo desconsiderado pela cidade produtiva.

“...como sonhava Kandinsky: uma enorme cidade construída segundo todas as regras da arquitetura e de repente sacudida por uma força que desafia os cálculos” - CERTEAU, 1998.





➔ Grafites na área central de Limeira
Fonte:arquivo próprio, 2018.





“Terrain Vague”

Os terrain vague, termo criado por Solà-Morales (2002), são aqueles nos quais a falta de uso produtivo gera liberdade e expectativa do tempo livre, indeterminado. Nesses espaços obsoletos, valores residuais se mantiveram, mas sem manter relações com o resto da cidade, são exteriores e contra imagens das próprias cidades que os formaram, e que os mantêm.

Nesse espaço outro, as singularizações e táticas se manifestam como alternativas ao produtivo, e a falta da “arquitetura” marcante daquilo que é do mercado, se apresentando como o reflexo da insegurança em encontrar o diferente, em deixar escapar o controle.

São nesses espaços que se apresentam mais fortemente as críticas e até as possíveis alternativas. Como afirma Solà-Morales (2002), a ordem necessita da indefinição dos fluxos que se rebelam, e são nesses interstícios, onde há a perda de limites, que as manifestações das táticas (CERTEAU,1998) e das singularizações (DELEUZE & GUATTARI,2000) são mais facilmente percebidas.

“O entusiasmo por esses espaços vazios, expectantes, imprecisos, flutuantes é, em código urbano, a resposta a nossa estranheza ante o mundo, ante nossa cidade, ante nós mesmos.” - SOLÀ-MORALES, I. , 2002





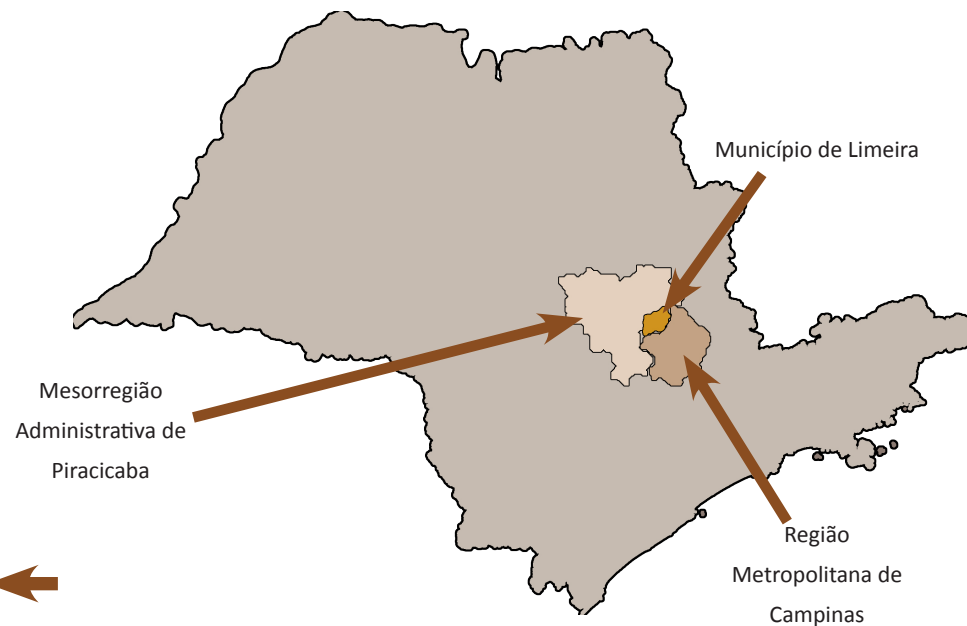
Construções no “Centro Abaixo”.
Fonte:arquivo próprio, 2018.





Limeira e a Indústria

Localizada na região administrativa de Campinas, a 150 km de São Paulo, Limeira é uma cidade de médio porte, com localização estratégica entre diversos meios de ligações viários e ferroviário, sendo o município onde termina a Rodovia dos Bandeirantes (SP-348), onde se inicia a Rodovia Washington Luís (SP-310), além de ser cortada pela Rodovia Anhanguera (SP-330) e pela ainda ativa Companhia Paulista de Estradas de Ferro (consorciada à América Latina Logística – ALL)



Fonte: elaborado pela autora, 2018.



Fonte: elaborado pela autora.
Base de dados: Google Earth, 2018.



Rod. Bandeirantes

Ferrovia

Rod. Anhanguera





Primeiramente desbravada pelos Bandeirantes no século XVII, a região onde atualmente se localiza o município, era caminho para as regiões mineradoras e para as terras de Goiás, pertencendo à sesmaria de Sant'Ana de Parnaíba. A área da sesmaria original foi desmembrada, criando fazendas como Ibicaba e Morro Azul, que dariam origem a freguesia Nossa Senhora das Dores de Tatuíby em 1842, e posteriormente o município de Limeira em 1863. (REDONDANO,2000)

A cidade foi um importante centro cafeeiro do Estado e em virtude da acumulação de capital das exportações do café e do aumento na circulação de bens, recebeu a ferrovia em 1876, com a implantação da Companhia Paulista Ferroviária, época também em que passou a serem identificadas as valorizações de vias e trechos urbanos. (REDONDANO,2000).

Cidades vizinhas como Piracicaba, e Campinas, já ostentavam um polo agroindustrial com grandes engenhos produtores de açúcar para exportação ainda em meados do século XIX, mas é com a chegada dos imigrantes europeus, iniciada na Fazenda Ibica em 1828, e a expansão da ferrovia para o interior do Estado de São Paulo, que a indústria começa a se fortalecer nas malhas urbanas da região (BUSCH, 2007)

A concentração de infraestrutura para escoamento da produção e a proximidade com grandes centros, incentivaram o começo das atividades industriais em Limeira, embrionariamente para atender às necessidades das produções agrícolas do município, e posteriormente exportando insumos industriais (BUSCH, 2007).



Inauguração da linha férrea em
Limeira, 1890. Fonte: Museu
Histórico e Pedagógico Major Levy
Sobrinho



Porém, é a partir do início do século XX, com a abolição da escravidão, o aumento da imigração italiana no Estado de São Paulo, e a proclamação da República que há um significativo aumento da atividade industrial como forte setor da economia do Estado, e do município (HEFLINGER JR, J. E, 2017).

Os imigrantes formaram um novo contingente de assalariados, estabelecendo uma nova relação de trabalho, que superou a escravidão, e permitiu a ampliação do mercado consumidor interno a outras classes da sociedade brasileira (FURTADO, 1989).

Essa expansão do mercado consumidor impulsionou o desenvolvimento da indústria de bens de consumo de primeira necessidade, que se volta ao mercado interno, proporcionada em grande parte pelo excedente da economia nuclear brasileira, a exportação cafeeira, que também começa a investir em indústrias, e em transporte ferroviário para auxiliar nas colheitas (MAMIGONIAN, 2000).





A industrialização da cidade também contou com forte estímulo dos excedentes monetários da citricultura, que encorajada por incentivos do governo federal, e pelo investimento do estado de São Paulo, levou Limeira ao cenário internacional como grande exportadora de laranja durante toda a primeira parte do século XX. (HEFLINGER JR, J. E, 2017).

As indústrias em Limeira se estabeleceram, em sua grande maioria, nas margens da ferrovia, para o fácil escoamento de suas produções, e transformaram a paisagem de chácaras e grandes residências que antes formavam aquela área da cidade. (SIMABUKO, R. 2009).



Fazendas em verde, e indústrias em laranja, na década de 1930. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico Major José Levy Sobrinho





Fortes nomes desses primeiros anos da indústria no município são o da “Machina São Paulo”, fundada por Trajano Camargo de Barros para produção em larga escala de descascadores de café por impacto, e o da Cia. Prada, conhecida pelos seus chapéus. As indústrias se destacaram na região pelos benefícios à cidade, com a fundação de escolas - inclusive a Escola Industrial para jovens mecânicos, carpinteiros e operadores de fundição- o incentivo às artes.

A Machina São Paulo em especial, também empregava trabalhadores que proporcionava “férias remuneradas, seguro de vida, assistência médica familiar, participação nos lucros da empresa, incentivos e evolução de carreira, gratificação na produção” (HEFLINGER JR, J. E, 2017, pg. 97).

Os benefícios e incentivos da Machina São Paulo resultaram em nomes, que incentivados pelo próprio Trajano, fundaram suas próprias indústrias, muitas existentes até hoje, como a Rodas Fumagalli, Café Kuhl, Maquinas Zaccarias, Maquinas D’Andrea, IGE entre outras.

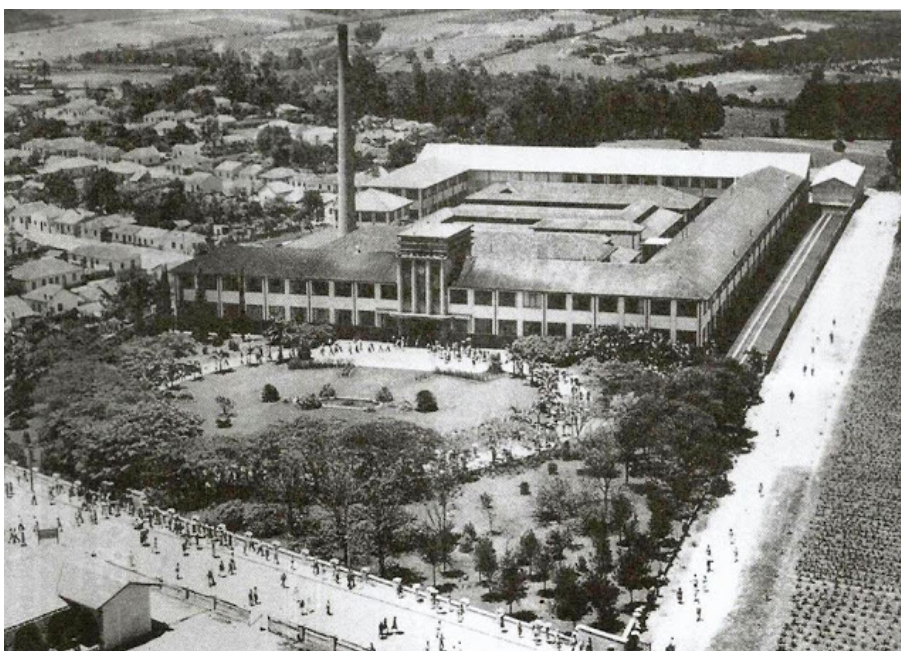




Acervo - Felipe Penedo



Casa da Laranja, centro de
exportação cítrico [s/d]. Fonte:
Felipe Penedo

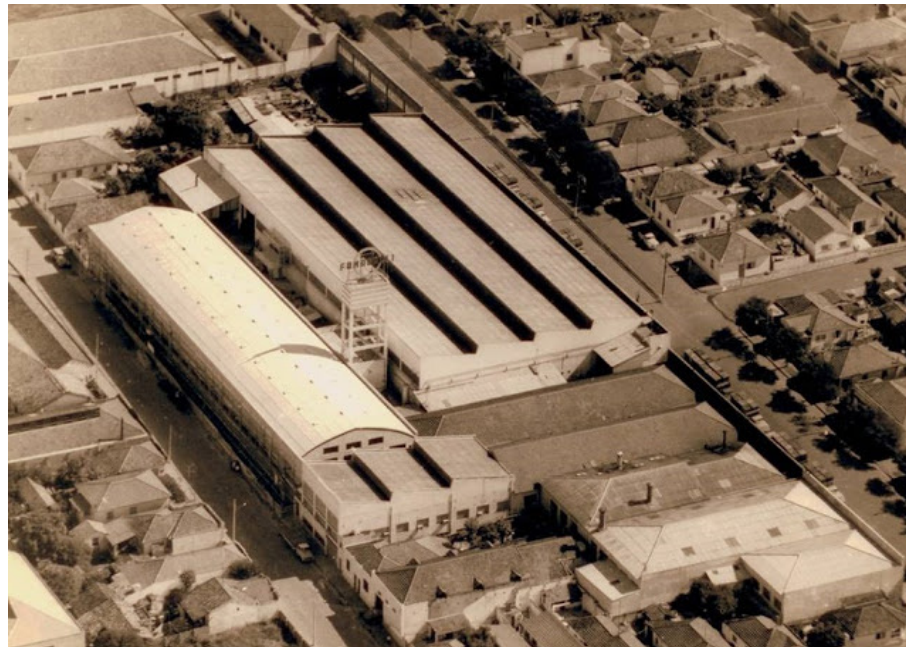


Cia. Prada, década de 1940. Fonte:
Museu Histórico e Pedagógico Major
José Levy Sobrinho





Indústria de Rodas Fumagalli, década de 1960. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico Major Levy Sobrinho



Máquinas Zaccaria, década de 1990. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico Major Levy Sobrinho





→ Máquinas São Paulo já desativada, década de 1990. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico Major José Levy Sobrinho



→ Indústria Phosphoros Radium, década de 1920. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico Major José Levy Sobrinho

Limeira - Anos 20 Pátio da "Fábrica de Phosphoros Radium".







D'Andrea

A edificação, objeto desse estudo, foi construída na década de 1930, nos arredores da estação ferroviária, para facilitar o escoamento de sua produção que era realizado por carroças. Com o intuito de abrigar a recém-criada Máquinas D'Andrea, a indústria foi construída em uma antiga área de bosque, por Francisco D'Ándrea, que trabalhou por anos na Machinas São Paulo, e pretendia começar a produção de maquinários para a lavagem, secagem, limpeza, e classificação de café, arroz, feijão, milho e cereais (GAZETA DE LIMEIRA, 1980).

Entrada da Área Administrativa da antiga Máquinas D'Andrea, década de 1930. Fonte: Museu Histórico e Pedagógico Major Levy Sobrinho



Inauguração da Máquinas D'Andrea, 1934. Fonte: Família D'Andrea

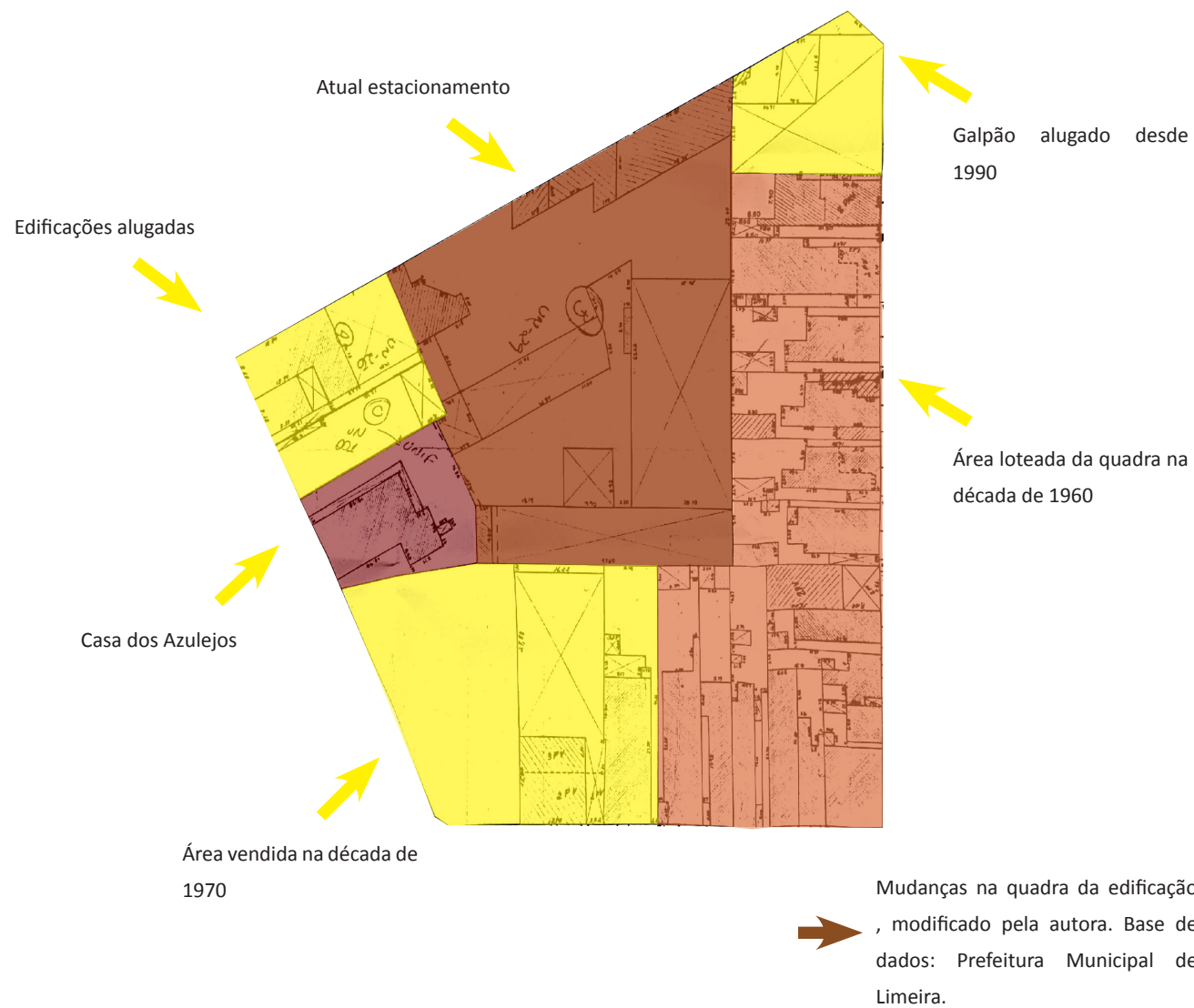




Na década de 1960 as exportações dos maquinários cresceram além da capacidade da sua estrutura, e uma nova sede administrativa e industrial foi edificada, em uma área mais afastada do centro, porém perto da ferrovia, onde ainda mantém algumas atividades industriais, e uma parte da diretoria da indústria. Hoje a D'Andrea produz maquinário para lavouras em mais de 100 países, também para produção de papel e celulose, além dos mais novos empreendimentos em equipamentos para a geração de energia renovável.



Planta cadastral da quadra da
edificação, década de 1980. Fonte:
Prefeitura Municipal de Limeira





Edificação Atualmente

A antiga sede, na rua Barão de Campinas, permanece propriedade de herdeiros da família D'Andrea, tendo sido alugada como galpão de apoio para diversas indústrias até meados da década de 90, mantida fechada por alguns anos e finalmente, no começo dos anos 2000, a edificação principal foi transformada no estacionamento que se mantêm até hoje.



Interior da edificação, 2018.
Fonte: arquivo próprio.





O porão da edificação, onde funcionava um pequeno armazém de produtos beneficiados, dentro da própria indústria, é alugado para 3 diferentes comércios de móveis e roupas usadas, e em uma parte da área aberta dos fundos, onde alguns grãos eram deixados ao sol para secagem e também onde as carroças eram carregadas, hoje é utilizado como depósito de pertences da família.

Para além do uso, a edificação em si não sofreu grandes mudanças, e muito do que foi relatado nas conversas, com quem conheceu a antiga sede da indústria em funcionamento, ainda permanece.



Interior da edificação, 2018.

Fonte: arquivo próprio.





As tesouras e os pilares, em madeira, ainda constituem grande força na ambiência interna, tanto na forte presença visual, quanto no cheiro marcante do verniz que é utilizado para proteger o material. Um dos funcionários do estacionamento informou como após os anos fechados a edificação apresentou sinais de cupim, os quais foram exterminados sem necessidade de substituição de nenhum madeiramento, mas que desde então são envernizados periodicamente para garantir a segurança na estrutura.

As tábuas do chão foram concretadas, ou substituídas por pisos, em quase toda a extensão da edificação, sendo visíveis apenas em uma área próxima às janelas externas no andar principal, e na cobertura das lojas localizadas no porão.



Interior da edificação, 2018.
Fonte: arquivo próprio.





Outra forte característica mantida na edificação é a iluminação natural, suficiente para manter o estacionamento funcionando durante todo o dia sem uso de luz artificial, assim como era à época da indústria.



Interior da edificação, 2018.

Fonte: arquivo próprio.





Na pintura interna, de algumas áreas mais ao fundo da edificação, se encontram descascadas versões das utilizadas quando a edificação ainda era indústria, enquanto nas áreas mais visíveis do estacionamento as paredes foram pintadas com barrados em preto e amarelo e os pilares foram destacados em amarelo - a justificativa para tais cores é segurança para o estacionamento, garantindo a fácil visibilidade dos obstáculos.

Interior da edificação, 2018.
Fonte: arquivo próprio.



Interior da edificação, 2018.
Fonte: arquivo próprio.





É na fachada porém, que o maior sinal dos tempos é visível, a entrada do estacionamento e as lojas do porão, se encontram visivelmente renovadas, porém não há registro de quando a pintura do restante, já descada, foi realizada; alguns entrevistados acreditam que o que sobrou ali é das épocas de galpão da edificação, sendo possível observar áreas no qual os tijolos se encontram completamente expostos. Os vidros quebrados também aludem a tempos anteriores ao estacionamento, um dos funcionários atuais relatou que as partes em vidro das janelas foram feitas com uma medida específica, e fora do padrão utilizado, resultando assim na falta de vidros para substituir os que quebram.



Fachada da edificação, 2018.

Fonte: arquivo próprio.







Reconhecimento

O histórico do que havia sido a antiga Maquinas D’Andrea foi narrado durante a identificação dos arredores como ponto de interesse, mas apesar do objeto sempre estar presente, o contexto atual com seus usuários, e do seu entorno não era conhecido.

Muitas análises do urbano priorizam as transformações a partir da ótica do meio econômico, menosprezando valores e significados que o urbano adquire para seus usuários cotidianos. Ao abrir mão do valor social dos espaços, o entendimento da cidade como criação das relações sociais por excelência é negado, e assim suas partes se tornam apenas “produtos” das relações de mercado (LEFEBVRE,1991). A inserção no contexto do lugar então, foi de extrema importância para que o espaço fosse realmente experimentado e vivenciado, procurando diminuir as distâncias com aqueles que protagonizam o espaço (BRANDÃO,1988), na tentativa de evitar ao máximo o reconhecimento superficial, e o olhar estrangeiro, que nega o “outro” (MONTANER,2017).

A deriva, e as conversas informais foram as abordagens metodológicas escolhidas para perceber tanto o entorno, quanto a edificação, sendo a primeira realizada com deslocamentos pela área, motivados pelas ambiências, pelos encontros, e pelas variáveis que possam despertar curiosidade, deixando o urbano criar seus caminhos (DEBORD,1958).

Assumir o ato de caminhar como uma “maneira de fazer” (CERTEAU, 1998), – ou uma forma de singularização (DELEUZE & GUATTARI, 2000) - é buscar na cidade as resistências que mantém a pulsação nos espaços, os lados B (CARERI,2013), que garantem a pluralidade e a democracia. Enquanto as conversas foram realizadas para se aproximar dos “outros” e de seus contextos que ocupam essa ambiência, além de também registrar a memória ligada à edificação e seu entorno.

Dos resultados das abordagens metodológicas apresentadas resultam diagramas, que procuram sintetizar as experiências de forma





rizomática, introduzindo aspectos do subjetivo, do sensorial, e das práticas socioculturais, buscando nos diagramas pontos culminantes de conhecimento, e pontos de partida para a intervenção (MONTANER, 2017).

“Errar pelas ruas da cidade. Flanar. Perambular sem destino certo. Perceber os passos e as sensações do caminhar. Parar. Deter-se não por ter alcançado o destino final, não existe o fim, mas sim devido a uma folha que cai no trajeto. Perceber o tempo lento. Conversar. Observar a formiga que leva uma pétala e adentra a brecha da calçada. Caminhar mais um pouco. Retornar pela mesma rua, do lado oposto da calçada. Virar à esquerda. Atravessar fora da faixa de pedestre. Sentar no Bar. Embriagar os sentidos, conversar e tocar o outro. Retornar caminhando na madrugada escura, mesma calçada, outra ambiência. Deixar-se seduzir pelos encontros. Conversar mais uma vez. Entrevistar apenas se necessário e no momento exato construído pelo contato. Caminhar junto. Reencontrar. Caminhar e caminhar. Cruzar olhares fugidios e sem palavras comunicar. Olhar para traz. Perseguir e sentir-se perseguido. Aguçar o tesão. Encarar o medo” – ROCHA, E. A cidade caminhada... o espaço narrado. ReDObRa, v. 11, p. 202-211, 2013.





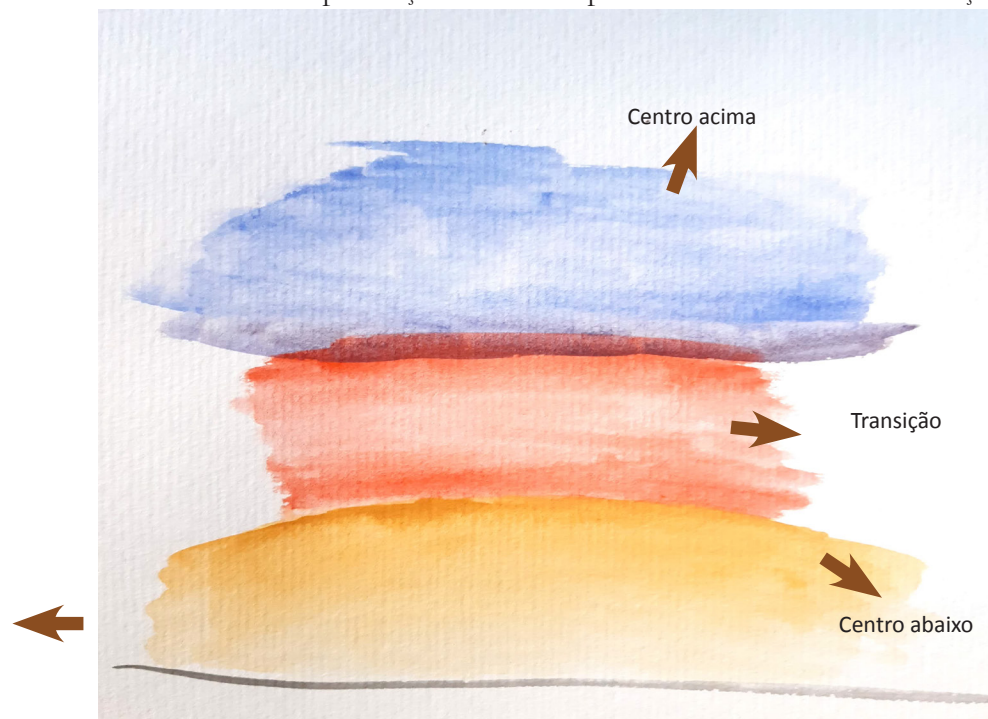
Ambiências

O entorno da Máquinas D'Andrea, conhecido atualmente como “centro abaixo”, concentrou, até meados do século XX, as primeiras indústrias da cidade - por sua proximidade com a ferrovia - algumas das residências das elites econômicas, e os armazéns responsáveis pelo comércio local.

Com a expansão da cidade, e a mudanças das dinâmicas imobiliárias e comerciais, é possível observar como as indústrias se deslocaram para áreas com melhor acesso às rodovias, enquanto os moradores do centro se deslocaram à outros bairros, e o comércio vem se dirigindo ao “centro acima”, processo ainda vigente que esvazia cada vez mais a região, e deixa nas construções, e nas ruas, um clima de abandono.

Um aspecto fortemente notado nos percursos realizados no centro foi a presença de uma espécie de cinturão de contenção

Cartograma do “centro abaixo”,
“acima”, e a transição do comércio.
Elaborado pela autora, 2018







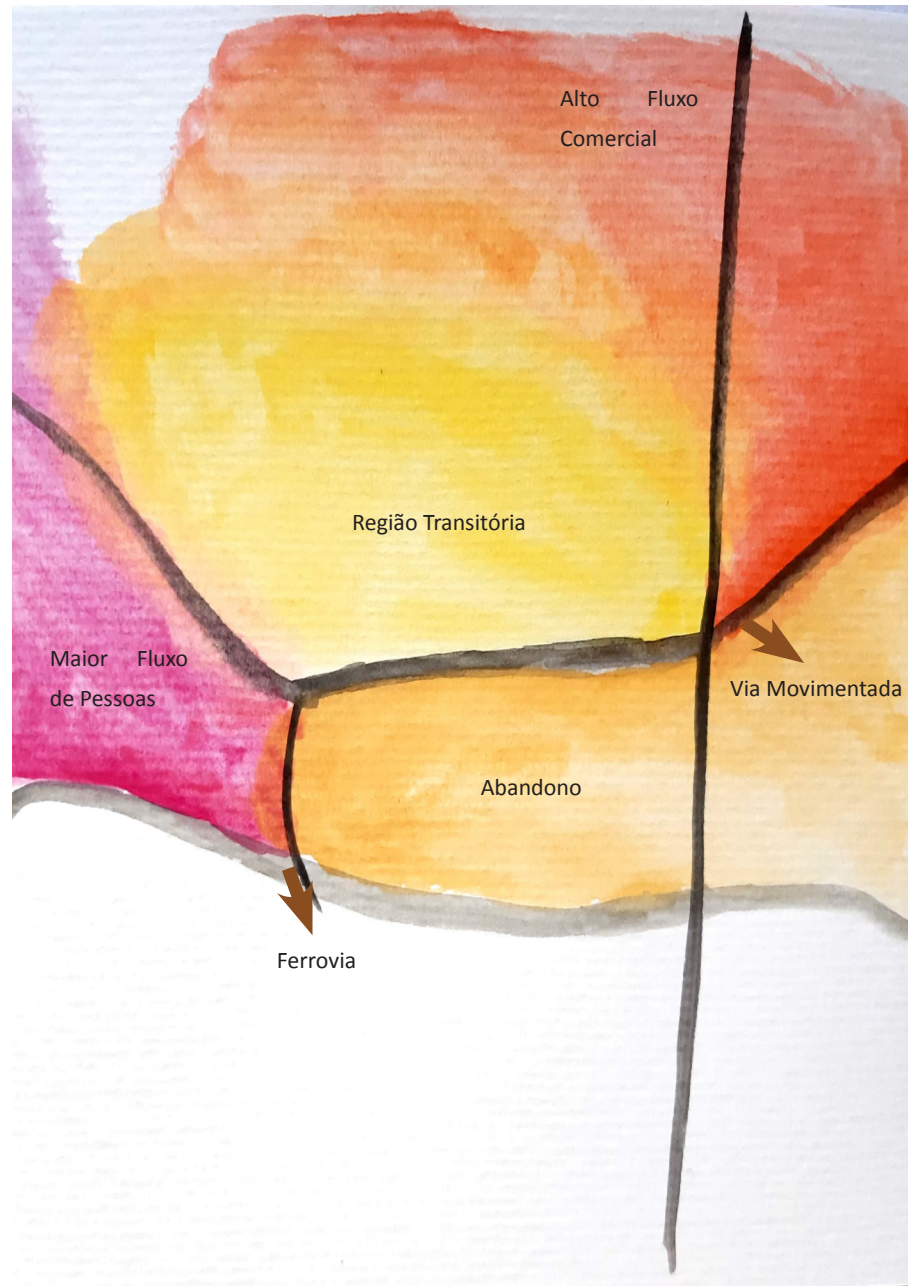


entre o “centro abaixo” e tudo lá presente, do resto da cidade, em especial no limite da área com a ferrovia, que por ainda estar ativa, tem o acesso restrito por grades e muros, só sendo transponível nos viadutos localizados nos limites do centro com outros bairros, ou na única passarela para pedestres, presente em frente à rodoviária.

Nos extremos a ambiência de abandono é quebrada abruptamente pelos próprios viadutos que permitem a ligação entre as partes da cidade, e nos quais depois se encontram áreas com intenso comércio e fluxo de automóveis e pedestres.

Durante as derivações, também foi possível observar que no limiar entre o “centro abaixo” e o começo da área mais comercial se encontram alguns quarteirões, que apesar de ainda manter certa proximidade com a cidade produtiva, com alguns galpões, pequenos comércios e estacionamento, já apresentam fachadas descascadas e grafitadas, além das edificações abandonadas.

Essa região intermediária também é marcada pelo trânsito intenso de ônibus em algumas específicas vias, que seguem tanto para a rodoviária quanto para o terminal urbano municipal, e geram contrastes gritantes entre as ruas cheias de veículos que cortam quadras onde não se encontra quase ninguém.



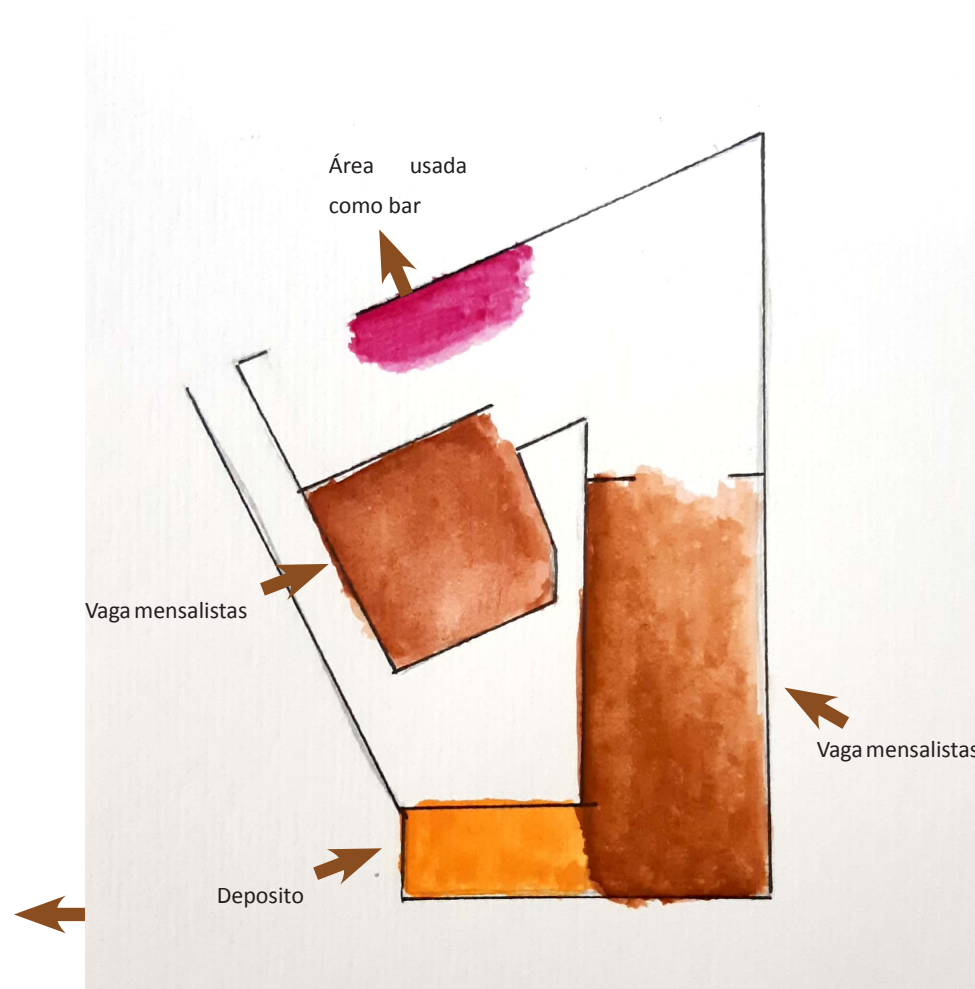
Cartograma do “centro abaixo”,
“acima”, e a transição do comércio.
Elaborado pela autora, 2018

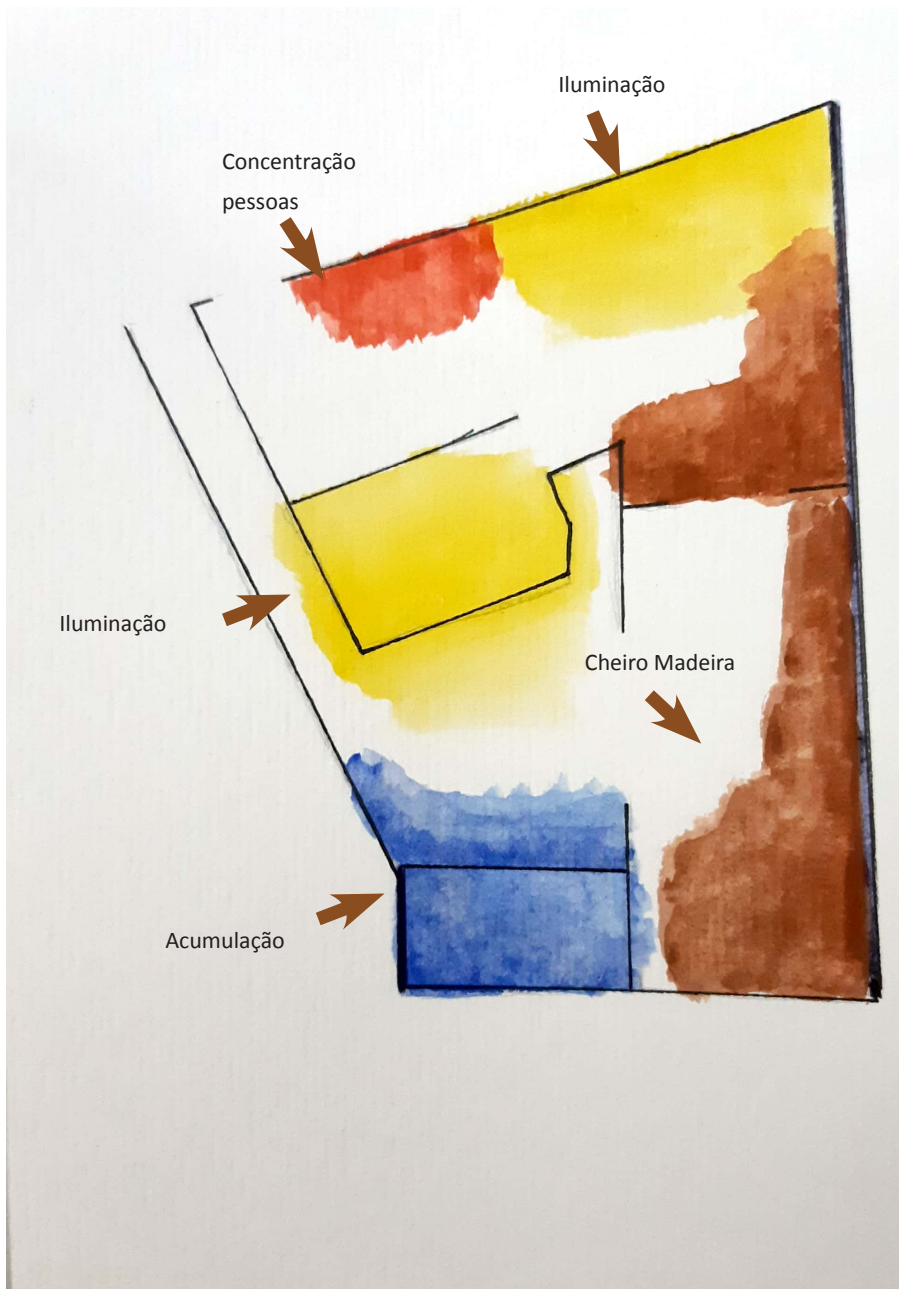




A antiga sede da Máquinas D'Andrea, situada nessa região transitória, registra em si muitas das características físicas que criam a ambiência do “centro abaixo”. Mas para além do material, a maneira como o estacionamento se dá na edificação também registra usos, e apropriações, que vão além dos impostos pelas produções comerciais.

Ambiencias internas.
Elaborado pela autora, 2018





Ambiencias internas.
Elaborado pela autora, 2018





Ao conversar com os usuários e transeuntes do entorno, e observar a rotina do estacionamento, a primeira notoriedade foi aprender que os carros lá estacionados, são em sua grande maioria, de senhores de maior idade, moradores de prédios mais antigos da região central que não possuem garagem. Muitos afirmam estacionar lá por conhecerem os donos, ou até por terem trabalhado na D'Andrea, e se sentirem mais confortáveis em manter os carros onde conhecem.

Vários dos mensalistas, como são chamados pelos funcionários, se conhecem há anos, e mantém o hábito de se reunirem no final de tarde, para conversar e tomar cerveja dentro do estacionamento. Um dos senhores contou que até pouco anos atrás eles buscavam bebidas e petiscos em um bar próximo que fechou, mas desde então passaram a trazer de casa para que a tradição não fosse perdida.

Mais recentemente, o dono da edificação vem tentando implementar um espaço para happy-hour, funcionando apenas nas sextas e sábados, chamado de “ Galpão Bar” e inspirado nos senhores, que apoiam a ideia e incentivam os acréscimos das mesas e cadeiras, do freezer e da sinuca.



Happy Hour. Fonte: Nicolas Patricio,
2018



Happy Hour. Fonte: Nicolas Patricio,
2018





Patrimônio

Apesar do abandono das edificações do entorno, e da própria D'Andrea, muitos ainda lembram das antigas indústrias da área central, concentradas em sua maioria no “centro abaixo”, e durante as conversas foi possível relatar histórias de quem vivenciou aquela área em outras épocas, seja diariamente ou apenas de passagem.



Área Ferroviária, 2018.
Fonte: arquivo próprio.

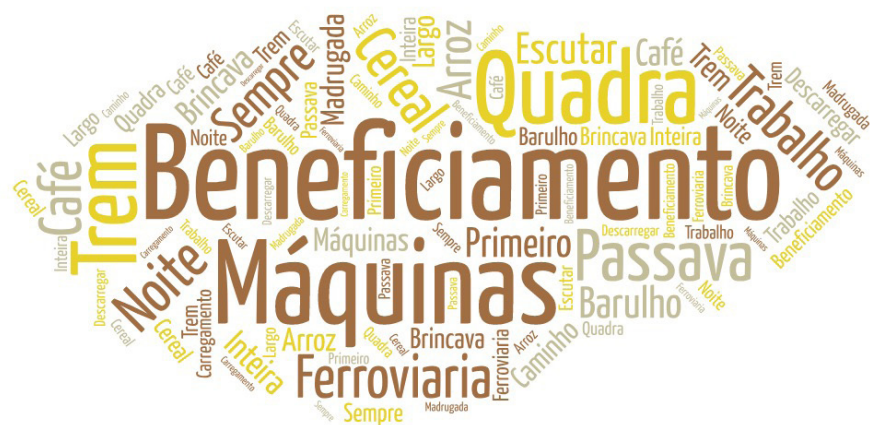




Os relatos variam de lembranças do barulho das máquinas das indústrias, do fluxo intenso em direção à ferroviária, para descarregar as produções e colheitas, até as memórias do cheiro de metal fundido enquanto corria entre as máquinas quando criança. Um dos mensalistas comentou como escolheu aquele estacionamento pelas histórias que o avô contava de quando trabalhou na indústria.

O relato de um senhor, ao contar como sua família preferia comprar arroz beneficiado dentro do armazém, que havia na D'Andrea, por conhecerem da onde vinha o grão, mesmo que mais caro, demonstrou como o cotidiano com a indústria transformava o produto industrial em algo menos seriado, ou como ele disse “o arroz não parecia ter vindo de um saco qualquer, de Piracicaba ou Campinas como nos outros armazéns, pra gente era feito por máquinas que nossos vizinhos fabricavam, e que a gente via como era montada”.

As conversas foram compiladas e a partir delas foi criada uma nuvem de palavras, procurando identificar os aspectos mais marcantes e comuns entre os relatos.





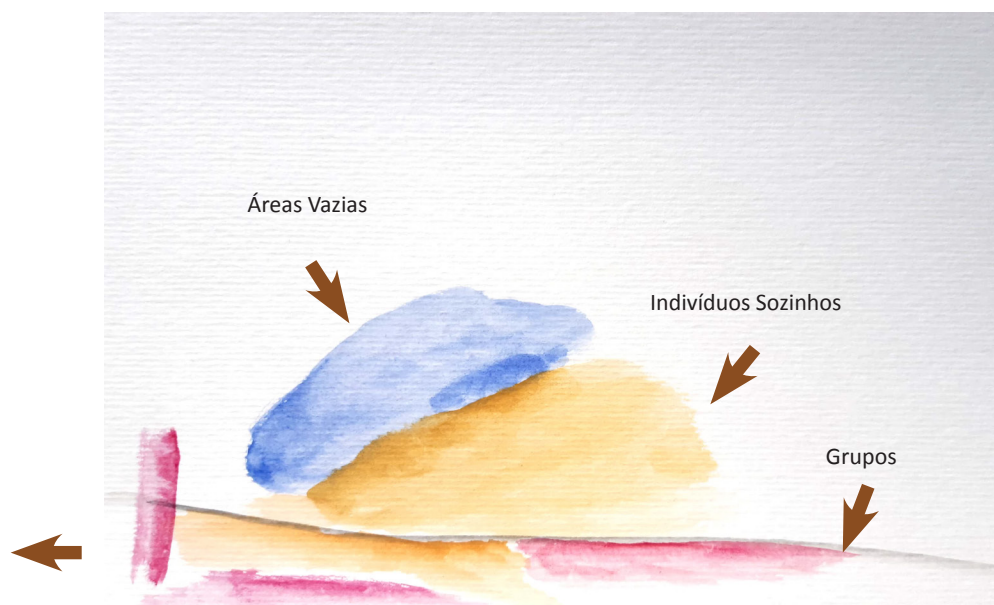
Desvios

Para além da questão do uso, e da memória na qual a edificação é parte, a característica mais marcante, e que instigou a escolha da D'Andrea como objeto de estudo, foi a ambiência do entorno e as relações que levam ou se alimentam disso.

Como já mencionado, no “centro abaixo” grande parte das edificações se encontram abandonadas, ou fechadas e sem manutenção, criando uma atmosfera de cidade fantasma, sem pessoas ou carros nas ruas em pleno dia. Porém, em algumas derivas noturnas -realizadas em dias de semana, e fim de semana, com ou sem eventos em algumas áreas mais próximas – a região se mostrou o ponto de encontro de vários grupos, que as suas maneiras, encontram lá um espaço de cidade que os aceita.

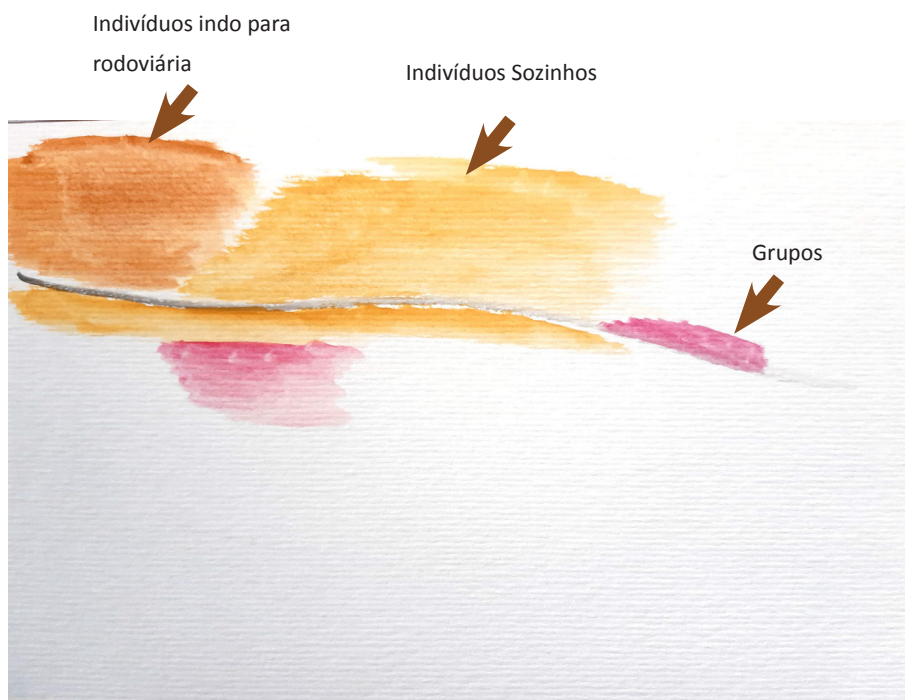
Durante a semana há maior concentrações de grupos nas proximidades com a ferrovia, e no pontilhão. Foi possível identificar também, como indivíduos sozinhos que passam a noite na área, se mantêm separados, e espalhados.

Ambiencias .
Elaborado pela autora, 2018





→ Ambiencias .
Elaborado pela autora, 2018



Já nos finais de semana, em especial nos que há eventos em algum lugar próximo - como no teatro municipal, ou nas duas igrejas nos arredores – as áreas de grupos diminui, e eles se deslocam, sendo a área quase toda tomada por indivíduos a pé, alguns indo em direção à rodoviária ou o terminal urbano, enquanto a maioria apenas procura um local para passar a noite.

Esses grupos, só são percebidos quando se procura por eles, são resistências que permanecem ocupando os espaços públicos que a própria cidade nega, são histórias apagadas nos registros, e os pontos fora do sistema que a partir das táticas de revelam desvios que garantem as múltiplas possibilidades do urbano.





A maneira como essas resistências se apropriam dos espaços negados, e lutam contra a ordem, é a manifestação da força que mantém as relações da cidade em constante modificação, e em busca da garantia da pluralidade.

São os grafiteiros, os moradores de rua, os usuários de droga, as prostitutas, e todos aqueles com vidas que não serão historiografadas, que mantém viva uma parte renegada de Limeira; são eles que resistem às forças da cidade produtiva, são eles que não permitem o plano urbano homogêneo, e que garantem a prática da diversidade e da democracia, por mais incômodos que os acusem.



Grafiti na área do “centro abaixo”
Fonte: arquivo próprio, 2018





Graffiti na área do “centro abaixo”

Fonte: arquivo próprio, 2018



Graffiti na área do “centro abaixo”

Fonte: arquivo próprio, 2018







Sobre o Patrimônio

O sentido do bem patrimonial é manter viva uma mensagem do passado, tem a função de conferir singularidades à um povo, a partir de um história e lugar compartilhados entre eles. Os patrimônios são símbolos da cultura, do conhecimento, e do tempo de uma sociedade, e por isso são mantidos para as gerações futuras.

Com os patrimônios industriais ainda há questões como a dificuldade no reconhecimento de seus exemplares como representantes culturais; e pelas especificidades compositivas das edificações, há o interesse na reutilização sem critérios, com predominância de aspectos como funcionalidade e lucro para utilização, e sem preocupação com suas qualidades históricas ou estéticas. (RUFINONI,2013)

A antiga sede da Máquinas D'Andrea, apesar de reconhecida pela população como importante na história industrial de Limeira, não conta com nenhum apoio de órgãos de proteção ao patrimônio, muito menos possui manutenção adequada. A edificação é utilizada hoje como estacionamento mensal e rotativo, e esconde nas pinturas desgastadas, e no assoalho coberto de concreto, sua história.





Principais Clássicos do Restauro

“Portadores de uma mensagem espiritual do passado, os monumentos históricos de um povo constituem um testemunho vivo das suas tradições seculares. A Humanidade, que tem vindo progressivamente a tomar consciência da singularidade dos valores humanos, considera os monumentos como um património comum, reconhece a responsabilidade colectiva pela sua salvaguarda para as gerações futuras e aspira, simultaneamente, a transmiti-los com toda a riqueza da sua autenticidade. “ Introdução Carta de Veneza, 1964

A Carta de Veneza, de 1964, é um marco no reconhecimento mundial dos patrimônios, ela registra a responsabilidade que as nações assumem em manter os monumentos de seus povos, garantindo sua preservação como legado às gerações futuras, e uma maneira de transmitir suas tradições, modos de vida, e realidades.

O caminho percorrido ao longo de séculos de debates levou à conceituação e redação da Carta de Veneza, mas a relevância do assunto começou a se mostrar ainda no Renascimento, com a revalorização dos referenciais culturais da antiguidade clássica, que levou o ideal humanista ao centro das discussões, e indiretamente suas produções, como as artes e a arquitetura. O interesse no patrimônio arquitetônico, visto como herança dos antepassados, continua sendo debatido e amadurecido por séculos, passando por eventos como o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, sendo sempre atualizado e repensado por estudiosos que auxiliaram nas formulações teóricas sobre o conceito de patrimônio, sendo eles obras grandiosas e monumentais, ou singelas,





mas partes integrantes da memória coletiva de um povo. (KUHL,2009)

Os pioneiros do restauro porém assumiram posições radicais e opostas, com o francês Viollet-le-Duc (1814-1879) em busca do estado idealizado, e da unidade estilística, que muitas vezes nem existiu; e o inglês John Ruskin (1819-1900) que se opunha fortemente contra qualquer tipo de restauro, procurando “pura conservação”, que apenas aceitava manutenções, e ações de conservações, que não interferissem na pureza do patrimônio.

Apesar de opostos, ambos deixaram legados para as discussões, e ideias que são utilizadas até hoje, como a manutenção da pátina de Ruskin – que permite a identificação da passagem do tempo -, e a necessidade de estudos detalhados sobre a edificação, que Viollet exigia (KUHL,2005).

Contemporâneos a alguns dos trabalhos dos dois anteriores, porém já em uma segunda fase, com posicionamentos intermediários, houve os italianos Camillo Boito (1836-1914), e Gustavo Giovannoni (1873-1947), reconhecidos pelo enfoque no valor documental e histórico, exigindo estudos precisos e rigorosos para realização de projetos de restauração. Suas linhas de atuação ficaram conhecidas como “restauros filológico”, e foram a base para a Carta de Atenas, de 1931, primeira carta de restauração realizada, na qual era possível identificar princípios como ocupação para garantir manutenção, e respeito pelos tempos passados da edificação.

Individualmente eles também defendiam ideias diferentes, porém que não se contrapunham. Boito argumentava sobre a importância na distinguibilidade de elementos adicionados ou modificados, possibilitando a identificação da passagem do tempo na edificação, enquanto Giovannoni advogava pelo entendimento do urbano como um organismo, com todas suas complexidades que devem ser consideradas na totalidade, buscando relacionar a cidade existente, as áreas com especulação para expansão, e as áreas com interesse em se preservar (KUHL,2005).

Alois Riegl(1858-1905) e Max Dvorák (1874-1921) também foram dois grandes nomes importantes da questão do restauro no segundo momento. Riegl introduziu a compreensão na qual os patrimônios dependiam das significações das quais a sociedade que os desfrutavam





atribuem, deixando de lado o ideário de patrimônio monumental, e assumindo como as edificações mais singelas, e locais, podiam ser possuir tanta importância quanto um patrimônio histórico grandioso. Dvůrák se apropria dos entendimentos de Riegl e adiciona a vinculação do entorno à importância que uma edificação pode possuir (KUHL, 2005).

No terceiro, e último momento, antes da Carta de Veneza (1964), as questões estão voltadas para as destruições provocadas durante a Segunda Guerra Mundial, afirmando que os modelos utilizados até então não cabiam à situação. O “restauro crítico”, como foi chamado, conferia maior importância à estética ao artístico, analisando cada caso, sem procurar encaixá-los em moldes.

Como principal nome da fase, tem-se Cesare Brandi (1906-1988), que encarava o restauro como único para cada edificação, defendendo como as intervenções não poderiam interferir na imagem concebida do objeto, além de como não era necessário encaixar a obra em uma categoria predefinida.

É a partir de alguns entendimentos de cada um dos mencionados que a Carta de Veneza (1964) foi construída. Construindo-se detalhados estudos, defendendo a ocupação como maneira de garantir a manutenção permanente, situando o patrimônio no seu entorno e nunca o desassociando, destacando os diferentes tempos e as diferentes intervenções, e marcando esses tempos passados para reafirmar suas diferenças (KUHL, 2009).

Assim, a Carta de Veneza, que até hoje rege muitas das ações de restauro, e dos debates sobre salvaguarda de patrimônios, reafirmou o entendimento de monumento todas as edificações que, ao longo do tempo, tiveram atribuições de significado culturais conferidas, não importando o seu tempo ou grandiosidade.

Porém o entendimento do que é patrimônio, e de como preservar ou restaurar o monumento, pela Carta de Veneza, não se encaixam mais em todas as situações. Novas relações nas cidades, novas maneiras de vivenciar o espaço, e novas questões surgem rapidamente, e a discussão é retomada, sempre buscando pela melhor maneira de garantir que a história e a cultura de um povo possa ser passada adiante.







Patrimônio Industrial

Apesar da expansão no entendimento de bem patrimonial, o patrimônio industrial foi apenas recentemente considerado válido de nota na historiografia da arquitetura, e muitas das edificações que carregavam com si as etapas da industrialização paulista, não sobreviveram às transformações pelas quais as cidades passaram, apesar de terem sido importantes marcos urbanos (KÜHL, 2009).

O início do processo de industrialização mundial data da segunda metade do século XVIII, na Inglaterra, quando transformações na ordem da produção alteraram aspectos econômicos, políticos, sociais e técnicos. No espaço as transformações também foram sentidas fortemente, com consequências como o aumento de camponeses nos arredores das indústrias, e total despreparo das cidades em absorver essa nova população; socialmente as classes sociais capitalistas se cristalizaram, com definições claras dos padrões buscando o maior lucro possível, e do proletariado vivendo em condições subumanas para trabalhar.

A partir do século XX, países do “terceiro mundo”, como o Brasil passaram por processos de industrialização, que podem ser divididas aproximadamente em 4 períodos: o primeiro, com restrição ao desenvolvimento, aceitando-se apenas pequenas produções de insumos internos; o segundo, com as primeiras indústrias implantadas, o fim da escravidão, a chegada dos imigrantes, e o investimento do excedente da cafeicultura nas indústrias. Esse primeiro crescimento trouxe o processo de substituição de importações, e já no século XX com indústria de bens de consumo que abasteciam quase a totalidade do Mercado interno, porém ainda com grande dependência do setor agroexportador, com o café liderando as exportações. (AZEVEDO, E. B. 2010).

Os outros períodos são marcados pela Revolução de 1930, de





Getúlio Vargas, e o investimento à infraestrutura industrial como maneira de incentivo à indústria; e a internacionalização da economia brasileira, iniciada com Kubitschek, e o crescimento das e crescimento das indústrias de bens de produção em relação às de consumo (AZEVEDO, E. B. 2010).

O interesse na preservação de exemplares da Indústria surge dentro da ampliação dos conceitos de bem cultural da Carta de Veneza (1964), que ao indicar que patrimônio não se refere apenas à grandes obras arquitetônicas, abraça as edificações industriais consideradas menores até então, e ganha força em países como a Inglaterra, que à época estava assistindo exemplares industriais serem demolidos.

O primeiro tombamento de um patrimônio industrial no Brasil, o conjunto dos remanescentes da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema em Iperó-SP, foi realizado ainda em 1964 pelo Iphan, demonstrando um pioneirismo no campo. Porém o exemplo não foi seguido, e a preservação desses patrimônios no Brasil ainda é um assunto delicado e complexo, com muitos dos exemplares constituindo áreas degradadas ou abandonadas, em cidades com relações sociais, econômicas, e urbanas que se transformam rapidamente (KUHL,2008).

No começo dos anos 2000, a redação da Carta de Nizhny Tagil (2003), procurou situar o patrimônio industrial como tudo aquilo que remete à cultura industrial, e reforçar a importância em preservar esses bens, a fim de garantir o legado para gerações futuras.





“Os delegados reunidos na Rússia por ocasião da Conferência 2003 do TICCIH desejam, por conseguinte, afirmar que os edifícios e as estruturas construídas para as atividades industriais, os processos e os utensílios utilizados, as localidades e as paisagens nas quais se localizavam, assim como todas as outras manifestações, tangíveis e intangíveis, são de uma importância fundamental. Todos eles devem ser estudados, a sua história deve ser ensinada, a sua finalidade e o seu significado devem ser explorados e clarificados a fim de serem dados a conhecer ao grande público. Para além disso, os exemplos mais significativos e característicos devem ser inventariados, protegidos e conservados, de acordo com o espírito da carta de Veneza, para uso e benefício do presente e do futuro.” – p.2 Carta de Nizhny Tagil

E apesar do uso desses bens também ser abordado na carta, afirmando como deve ser realizado de maneira a respeitar suas características, não é especificado maneiras de atuação nesse patrimônio. Assim a museificação vem se tornando uma saída muito utilizada para a preservação dos bens industriais, em especial os ferroviários, nos quais em geral possuem localizações centrais, mas sofrem com a falta de integração de políticas públicas e da esfera particular (OLIVEIRA, 2011). Essa decisão é polêmica, pois a museificação pode acidentalmente transformar em símbolo, algo que não era simbólico (MUÑOZ VIÑAS, 2003)

Outros significativos esforços foram feitos para definir o que é patrimônio industrial, por que preservá-los, e como garantir que façam parte da cidade contemporânea. Logo após a divulgação da Carta de Nizhny Tagil foi criado o Comitê Brasileiro do TICCIH (2004), mas a preservação no Brasil continua custosa, e a tutela oficial de bens industriais ainda é bastante rara. (KUHL, 2008).



Em termos de instituições visando garantir a preservação e realização de obras de restauro, o município de Limeira conta com o Condephali (Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Arqueológico do Município de Limeira), criado em 2003, e responsável pelo reconhecimento, tombamento, e administração de edificações consideradas patrimônios municipais, a partir de convênios públicos, e privados; conta também com o Condephaat, responsável pela administração da Biblioteca e Museu GE Cel. Flaminio Ferreira; e mais recentemente, com a restauração da Igreja da Boa Morte contou com o auxílio técnico do IPHAN.

Ainda que a cidade conte com órgãos de proteção ao patrimônio nas três esferas públicas, e a lista de patrimônios ser grande para um município médio do interior do Estado de São Paulo, a lista de edificações reconhecidas como de relevância patrimonial inclui apenas a Estação Ferroviária, e o antigo Edifício Prada (CONDEPHALI, 2005), dentre todos os exemplares industriais que ainda sobrevivem na cidade.

A partir dos patrimônios listados pelo Condephali, é possível notar como a identificação e preservação dos patrimônios, na cidade de Limeira, é permeada por fortes relações econômicas e de classes, muitas vezes ambíguas, e comprovadas com a existência de patrimônios reconhecidos e conservados nos arredores das mesmas áreas degradadas dos remanescentes industriais abandonados. (MINEO, 2009)

É importante ressaltar, porém, que o tombamento do Edifício Prada, uma exceção no reconhecimento dos patrimônios municipais industriais, ocorreu apenas em 2004, após a compra pela prefeitura do complexo das antigas Indústrias Prada, que hoje abriga o Paço Municipal.





Estação Ferroviária Cia. Paulista em
Limeira.Fonte: arquivo próprio, 2018



Edifício Prada.Fonte: arquivo
próprio, 2018





Choay (2001) acredita que a reutilização não pode ser atribuída apenas à preservação do passado, defendendo que novas funções devem considerar o momento e os usuários do presente também, mas concorda que há grande dificuldade em integrar o valor histórico do patrimônio, a vida contemporânea, e as atuais realidades nas quais os patrimônios estão inseridos.

Ao intervir em um patrimônio é preciso levar em consideração a importância da função simbólica que as edificações carregam, e sua habilidade em invocar tempos passados, memórias coletivas ou até individuais. Mas como Muñoz Viña (2003) explana, a restauração precisa carregar, além do simbolismo, potencial para que seja projetado no objeto subjetividades diversas, que ao coexistirem e serem acordadas pelos usuários garantem a continuidade do patrimônio.





Intervenção na D'Andrea

A antiga Máquinas D'Andrea, localizada nesse “centro abaixo”, se encontra em uma área degradada da cidade, estando ela própria tão desgastada quanto seu entorno. Nas conversas realizadas foi possível notar que as pessoas se lembram da indústria ainda em seus anos de funcionamento, mas não se pode ignorar que, apesar da história, ela também é parte das relações que acontecem na área hoje, e das subjetividades que a cercam.

Essa região no coração de Limeira, que ao se apresentar como a expectativa no estático, sintetizando algumas das críticas às ordens urbanas, apresenta inúmeras possibilidades de permanência como resistência. O “centro abaixo”, um “Terrain Vague” (SOLÀ-MORALES, 1995), determinado por ter uma história preexistente, que não é mais suficiente para relacioná-lo à cidade, revela na ausência de uso a liberdade e a potencialidade para ser o que for necessário, ou desejado.

Ao se tornar um estacionamento, o que sobrou da antiga fábrica, permitiu o encontro de conhecidos e se tornou na convivência entre os estranhos que se permitiram aceitar o diferente. No atual momento, o estacionamento/bar é compartilhado por mensalistas que guardam seus carros, por grafiteiros que passaram a frequentar o espaço, por moradores de rua que utilizam o bar como ponto de apoio, e pelas prostitutas que tomam proveito do relativo movimento dos arredores.

As múltiplas singularizações e táticas que criaram aquele espaço como ele é hoje, são frutos de pequenas vitórias das subjetividades, não foram racionalizadas, e não buscam a cidade espetacularizada.





“[...] A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de ‘consumo’: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 1998, p. 39)

Assim a proposta de intervenção busca reconhecer a D’Andrea como um patrimônio que abriga subjetividades múltiplas, e que se mantém em parte por essas diferentes apropriações, considerando todas as realidades que envolvem seu entorno, aceitando inclusive as consideradas “problemas”, mas essenciais para a composição do todo.





Intervenção





Ao observar as singularizações existentes nos interstícios da D'Andrea e do seu entorno, a proposta elaborada foi desenvolvida pensando na sobreposição, já presente, de usos e atividades existentes, buscando intervenções que oferecem novas oportunidades para a manutenção do patrimônio, e para quem já frequenta o espaço.

Um sistema de trilhos distribuído pelo espaço interno e externo pode ser utilizado como suporte para atividades diversas que possam vir a ser realizadas, seja pelos grafiteiros da região utilizá-los para estudo de suas intervenções, um espaço para realização de exposições, projeção de filmes, projeção de fotografias dos antigos funcionários da indústria, ou apenas no uso para decoração.





Também foi pensado que placas possam ser agrupadas nos trilhos, de maneira a criar espaços variados, como espaços para o desenvolvimento de atividades em grupos, ou mais reservados, possibilitando pequenos ateliers efêmeros que existem apenas enquanto for necessário. Essas placas também podem ser utilizadas nas atividades, como base para projeção, para grafitar, para exposições, instalações, ou apenas para dividir e criar espaços.

O sistema de trilhos se configura em uma estrutura separada e independente da edificação, se apoiando apenas nos pilares de alvenaria dos extremos, possibilitando que as atividades do estacionamento ocorram normalmente quando os trilhos não estiverem sendo utilizados, e também sem aumentar a carga nos pilares de madeira, ou nas estruturas mais antigas. O material escolhido para os trilhos também se difere dos presentes na edificação, com a utilização do aço corten é possível identificar a intervenção.





Outra proposta é a área externa do jardim, antes utilizada apenas como depósito, ela foi pensada como extensão das atividades que já ocorrem no interior. Diferentes patamares e bancos de madeira, em arquivacanda, permitem a apropriação do espaço para contemplação, conversas, extensão do bar, utilização dos trilhos externos, ou até festas. Uma antiga porta da indústria também será utilizada, permitindo acesso à mais patamares no exterior, que podem ser utilizados como deck para mesas, palco, espaço para tomar sol, entre outros.





O mobiliário pensado foram de cadeiras dobráveis e metálicas de fácil locomoção, que podem ser utilizadas no interior, no bar, e no exterior. As cadeiras também podem ser colocadas nos ganchos ligados aos trilhos, e também podem ser utilizadas como painéis.





A introdução da vegetação, atualmente não existente, também foi realizada para na área externa, bem como na interna também. Para a parte de fora foram pensadas grandes árvores para sombreio, mas também árvores com flores para que o espaço se transforme durante o ano. Na área interna a vegetação se encontra presente próxima às janelas do jardim, onde canteiros possibilitam a presença do verde.

Até então sem banheiros, é proposto a instalação de cabines no interior da edificação, configurada em dois blocos distintos de aço corten que se diferem do que há na edificação, e assim possibilitam a identificação como novo elemento adicionado.





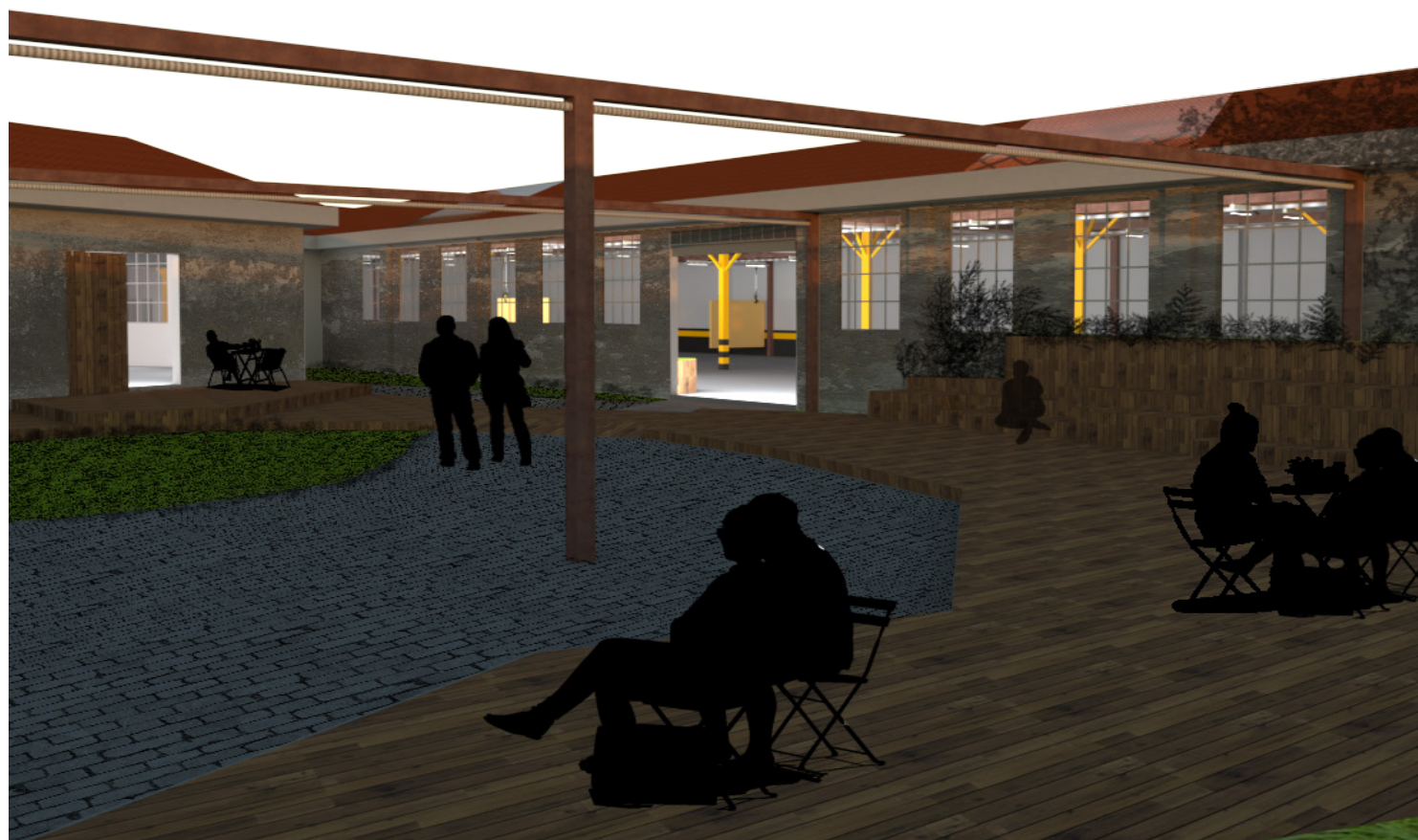
Na cobertura é proposto a utilização de telhas de vidro em rasgos, permitindo a melhor iluminação interna, e também a criação de sombras e ambiências que são alteradas durante o dia.

No interior uma parede foi retirada para integrar as áreas internas, melhorar a circulação de veículos, pessoas e a utilização dos trilhos na edificação. Há também a adaptação dos níveis para o acesso universal, criando uma nova entrada para as pessoas pelo jardim externo, evitando assim a rampa da entrada principal, que continuará sendo utilizada pelos automóveis, e a criação de uma rampa no acesso aos banheiros.



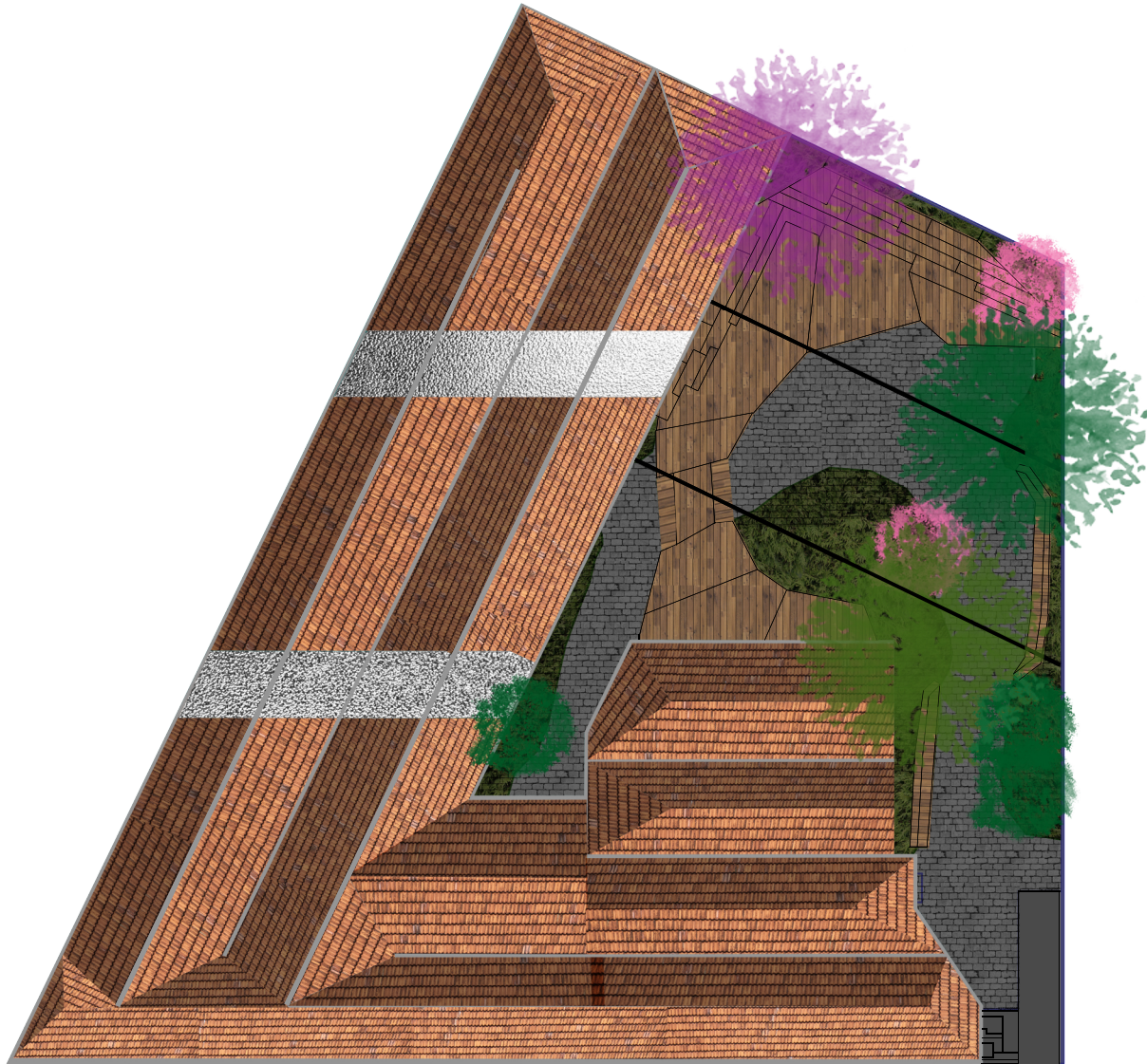


Com marcas de cupim e em desnível com as camadas de concreto e piso, as tábuas de madeira do assoalho tem como proposta o nivelamento com placas de vidro, permitindo que haja a observação, mas protegendo a faixa do que restou do piso original. A patina, presente no interior e no exterior, é mantida bem como os vidros quebrados, como maneira de mostrar a passagem do tempo na edificação e também manter a ambiência.



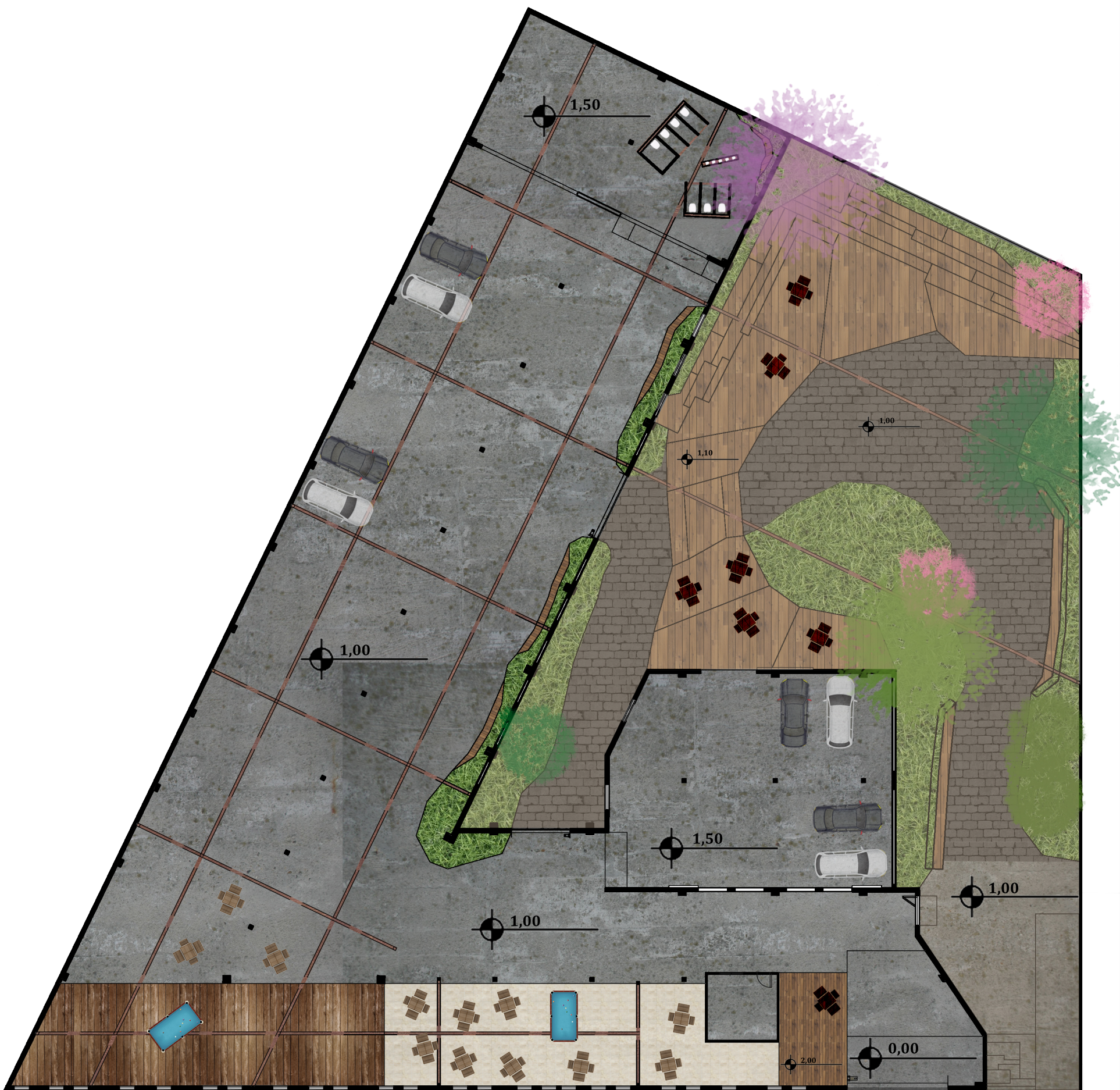






1:500







Referências

AZEVEDO, E. B. De. Patrimônio Industrial no Brasil. Arq.urb, São Paulo, n. 3, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_03/2arqurb3-esterezilda.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2018.

BOITTO, C. Os restauradores. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

BRANDI, C. Teoria da restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008

BRANDÃO, C. R. Pesquisa-participar.: Pesquisa Participante. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 9-16 p.

BRANDI, C. Teoria da restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

BUSCH, Reynaldo Kuntz. História de Limeira. 3a. Ed. Limeira: Sociedade Pró-Memória de Limeira, 2007.

CARERI, F. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOAY, Françoise. A Alegoria do patrimônio./ Françoise Choay; tradução de Luciano Vieira Machado - São Paulo : Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001.

DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. 1958.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs. vol 1. São Paulo: 34, 2000.





DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia. 2 ed. São Paulo: 34, 2004.
DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia : vol. 3. Rio de Janeiro: 34, 1996.

DVORAK, M. Catecismo da preservação de Monumentos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. Gazeta de Limeira - Suplemento Histórico 1826-1980. Limeira: Jornal Gazeta de Limeira, 1980.

GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 1 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GIOVANNONI, G. Gustavo giovannoni: Textos escolhidos. São Paulo: Ateliê, 2013.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, S. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. Caps. XXX e XXXI. São Paulo: Editora Nacional, 1989

HEFLINGER JR, J. E. Um pouco da história de Limeira - Volume II. A little about the history of Limeira. Limeira: Unigráfica Indústria Gráfica Ltda, 2017.

KUHL, Beatriz Mugayar. História e Ética na Conservação e Restauração de Monumentos Históricos. CPC, [S.L], v. 1, n. 1, jan. 2005.

KUHL, Beatriz Mugayar. Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização. São Paulo: Ateliê, 2008.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. São Paulo: Ateliê, 2009.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Moraes, 1991.





LIMA, Eduardo Rocha. A cidade caminhada... O espaço narrado. Redobra, UFBA- Salvador, n. 12, jul. 2012.

MAMIGONIAN, A. Teorias sobre a industrialização brasileira. Departamento de Geociências - CFH/UFSC, Florianópolis, n. 2, mai.

MINEO, Marcela M. M. P. O Espaço urbano e suas temporalidades: diagnóstico e propostas de intervenção para o patrimônio histórico do centro de Limeira-SP. Orientadora : Profa. Dra. Bernadete Ap. Caprioglio de Castro Oliveira (Mestrado em Geografia) - UNESP: 2009

MONTANER, J. M. Do diagrama às experiências: rumo a uma arquitetura de ação. Barcelona: Gustavo Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani. Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos. São Paulo: Bookman, 2011.
PREFEITURA MUNICIPAL DE LIMEIRA. Decreto nº 388 de 28 de novembro de 2008. Tomba provisoriamente alguns imóveis do município de Limeira. Limeira, 2008. p. 2.

REDONDANO, D. C.; et all. Atlas municipal escolar. 1 ed. Limeria: Sociedade PróMemória de Limeira, 2000.
RUFINONI, M.R. Preservação e restauro urbano: intervenções em sítios históricos industriais. São Paulo: Fap-Unifesp/Edusp, 2013

RUSKIN, J. A lâmpada da memória. São Paulo: Atelie Editorial, 2008.

SIMABUKO, Rafael T. A reciclagem do patrimônio industrial limeirense por meio do projeto: Poupatempo Limeira. Rafael Tadeu Simabuko/ UNESP Campus Bauru: 2009 Trabalho Final de Graduação - Arquitetura e Urbanismo. Orientação: Profa. Dra. Maria Solange Gurgel de Castro Fontes.





SOLÀ-MORALES, I. Territórios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002..

VIOLLET-LE-DUC, E. Restauração. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

VIÑAS, S. M. Teoria contemporânea de la restauración. 1 ed. Madrid: Síntese S.A, 2003.

ZUMTHOR, Peter. Atmosferas: entornos arquitectónicos - as coisas que me rodeiam. Barceloa: Gustavo Gili, 2006.

CARTA DE ATENAS. Disponível em : < <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf> >. Acesso em 22 maio 2018.

CARTA DE VENEZA. Disponível em : < <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Veneza%201964.pdf> >. Acesso em 22 maio 2018

CARTA DE NIZHNY TAGIL. Disponível em : < <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf> >. Acesso em 22 maio 2018



